5 Considerações Finais

É possível concluir, em face dos resultados obtidos mediante a execução do protocolo metodológico descrito na seção 3, que existem de fato grupos estratégicos na indústria bancária aderentes à tipologia preconizada por Porter (1980). A análise das variáveis utilizadas para operacionalizar as diversas opções estratégicas efetivamente aponta que os integrantes de determinado grupo estratégico adotam condutas semelhantes entre si, mas diversas daquelas dos componentes dos demais grupos.

As condutas de cada um desses grupos estratégicos determinam, em certa medida, o quão aptos esses conjuntos de instituições financeiras estão para lidar com as diversas ameaças que seu ambiente competitivo oferece. Os *clusters* que representam os grupos estratégicos que optaram por estratégias de escopo amplo, em especial aquele de liderança em custo com escopo amplo, mostraram certa ascendência sobre os demais no que tange a capacidade de se defender das ameaças ambientais ou talvez até mesmo manipulá-las a seu favor.

Os grupos estratégicos se mostraram como um eficiente fator discriminante de desempenho quando este último é aferido a partir de variáveis de natureza financeiro-contábil ou, em outras palavras, a análise estatística ratifica a hipótese de que conduta estratégica de uma empresa influencia no seu desempenho financeiro. O mesmo não pode ser dito em relação ao desempenho quando mensurado por variáveis que aferem a evolução do valor de mercado. O modelo estatístico falhou em rejeitar a hipótese nula de que os grupos estratégicos têm desempenhos mensurados pelas variáveis de mercado diversos entre si de forma que é possível afirmar que os grupos estratégicos não funcionam de forma eficiente como variável independente no modelo de regressão. É possível argumentar que, além dos agentes de mercado que fazem o apreamento do valor de mercado dos bancos avaliados considerarem diversas outras variáveis na sua valoração, esses papéis estão sujeitos a fatores randômicos que afetam de forma desigual as instituições financeiras dependendo da natureza das carteiras que

possuem – crédito, imobiliário, agrícola, exportação, pessoal, corporativo, entre outros. Isto posto e fazendo referência à hipótese 7 desse estudo conclui-se que a conduta estratégica de uma instituição financeira é melhor preditora de seu desempenho financeiro do que de sua evolução do valor de mercado.

Uma contribuição de caráter prático das conclusões da pesquisa pode ser fazer coro àqueles que apontam a limitação na utilização os indicadores financeiros para efeito de avaliação do comportamento futuro da ação de uma determinada instituição, ao menos no caso específico da indústria bancária brasileira.

A título de sugestão para novos esforços de pesquisa entende-se relevante a expansão da avaliação da hipótese 7 para outras indústrias. Devido às idiossincrasias da dinâmica competitiva do setor bancário é frágil afirmar que a conduta dos grupos estratégicos seja ineficiente para contribuir para explicação do desempenho em termos de evolução do valor mercado em outras indústrias ou mesmo na bancária em outros países – que apresentam características de aplicação e captação de recursos, marcos regulatórios e perfis de concorrência significativamente diferentes do brasileiro.

Outra pauta de pesquisa seria avaliar se existe alguma defasagem do efeito da conduta competitiva na expectativa dos agentes econômicos que apreçam seus respectivos valores de mercado. Em outras palavras se a incorporação de algum lag na composição da variável “desempenho de mercado” aumentaria a significância de sua análise de variância utilizando o “*Cluster Membership*” como variável independente.

Por fim, se entende como relevante é aprofundar a análise do *cluster stuck-in-the-middle*, visto que esse grupo é composto por instituições bastante heterogêneas entre si, para identificar os fatores que discriminam o desempenho de cada uma delas.